

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL SOBRE A FEIRA LIVRE DE SÃO PAULO DO POTENGI-RN: DIVERSOS OLHARES

Ana Clara Celestino Belchior

Graduanda em Geografia (UFRN) e Técnica em Meio Ambiente (IFRN), e-mail: clarae260@gmail.com

Thiago Augusto Nogueira de Queiroz

Doutorando em Geografia (UFRN) e Professor de Geografia (SEEC-RN), e-mail: queiroztan@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a percepção ambiental sobre a feira livre de São Paulo do Potengi, a partir dos olhares dos pesquisadores, dos feirantes, dos consumidores e dos comerciantes locais. Para tal fim, foram utilizados como procedimentos metodológicos: a observação com o registro fotográfico do meio ambiente da feira livre, e da higiene dos feirantes e dos alimentos expostos; e a aplicação de um formulário junto aos feirantes, consumidores e comerciantes da cidade. Os resultados mostraram diversos problemas ambientais na feira livre de São Paulo do Potengi, que devem ser solucionados principalmente com a reorganização e revitalização da feira por parte do governo municipal, e com a educação ambiental de feirantes e consumidores feita pelo IFRN, campus São Paulo do Potengi.

Palavras-chave: percepção ambiental, feira livre, São Paulo do Potengi-RN.

THE ENVIRONMENTAL PERCEPTION ABOUT THE PERIODIC MARKET OF THE SÃO PAULO DO POTENGI-RN, BRAZIL: OTHERS LOOKS

Abstract: This article aims to analyze the environmental perception on the periodic market of São Paulo do Potengi, from the looks of the researchers, the merchants, consumers and local traders. To this end, they were used as instruments: observation with the photographic record of the environment of the periodic market and hygiene of merchants and foods; and the application of questionnaires with the merchants, consumers and traders of city. The results showed many environmental problems in the periodic market of São Paulo do Potengi, which must be solved mainly with the reorganization and revitalization of the market by the municipal government, and the environmental education of merchants and consumers made by IFRN, campus São Paulo do Potengi.

Keywords: environmental perception, periodic market, São Paulo do Potengi-RN.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto do projeto de pesquisa “Diagnóstico ambiental da feira livre do município de São Paulo do Potengi-RN”, do “Edital 07/2015 – PIBIC-EM-CNPq” do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Foi inspirado em nossa atuação como docente e discentes do Campus São Paulo do Potengi do IFRN, como também dos nossos trabalhos anteriores já publicados em monografias, dissertações e artigos (QUEIROZ, 2011, 2014, 2015, 2016, 2018; QUEIROZ &

AZEVEDO 2012, 2013; AZEVEDO, 2016; MARANHÃO & QUEIROZ, 2016; MARANHÃO, 2016).

Existem diversas maneiras de abordar um mesmo processo ou fenômeno. Uma abordagem é uma forma de olhar. Entre esses olhares, há o olhar geográfico. O olhar é um ponto de vista. O olhar geográfico é o ponto de vista a partir da espacialidade. O ponto de vista pode significar uma opinião ou uma visão a partir de um determinado lugar. A espacialidade, que é o ponto de vista do olhar geográfico, refere-se à organização espacial de determinados processos e fenômenos (GOMES, 2013).

Assim, dependendo da classe social, do espaço geográfico e do tempo histórico que estamos inseridos, teremos um olhar diferente sobre um determinado processo ou fenômeno. O lugar do olhar modifica o que conseguimos observar sobre esse objeto ou sujeito estudado, é uma espécie de visão em paralaxe (ZIZEK, 2008).

O olhar geográfico, o ponto de vista da espacialidade, tem pelo menos três dimensões: a física, a econômica, a política e a cultural (CASTRO; GOMES & CORRÊA, 2012). A dimensão econômica da espacialidade é apreendida pelas redes e suas interações socioespaciais (fluxos). A dimensão política é compreendida por meio dos territórios e suas territorialidades (poderes). A dimensão cultural é entendida através dos lugares e suas representações socioespaciais (simbolismos). A dimensão física é exposta pelo meio ambiente e suas paisagens (cenários).

O meio ambiente não deve se restringir aos aspectos naturais como estrutura geológica, solo, relevo, hidrografia, clima e vegetação. Esses aspectos naturais são apenas o meio ecológico. O meio ambiente também abrange os aspectos sociais como a população, a produção do espaço urbano, a produção do espaço agrário e os meios de transporte e de comunicação. Esses aspectos sociais são as infraestruturas ou o meio ambiente construído. Portanto, quando falamos em meio ambiente estamos nos referindo simultaneamente ao meio ecológico e ao meio construído, o meio ambiente no atual período que é o meio (ambiente) técnico-científico-informacional (SANTOS, 1994; HARVEY, [1982]).

Nesse contexto, o meio ambiente não é apenas o substrato material, ele inclui também as práticas sociais (CORRÊA, 1996; SOUZA, 2013). A cidade, por exemplo, pode ser formada pelos seguintes meios ambientes: o centro histórico e comercial; as novas centralidades em subcentros de comércio, em avenidas e *Shopping Centers*; as centralidades especializadas; as áreas sociais segregadas; as áreas sociais reformuladas, reestruturadas ou refuncionalizadas; e as áreas sociais cristalizadas. Nesse contexto, as

feiras livres também são meios ambientes da cidade. As feiras e os outros meios ambientes das cidades também são dotados de práticas espaciais de caráter econômico, político e cultural. O político refere-se ao poder e o cultural aos simbolismos. Ambos os aspectos tornam o meio ambiente para além da materialidade visível, abrangendo os poderes e os simbolismos presentes na invisibilidade das sociabilidades e espacialidades, que se modificam de acordo com os diferentes olhares e percepções.

Assim como os olhares sobre um objeto-sujeito são diferentes, também são diferentes as percepções que temos sobre um determinado objeto ou sujeito. O meio ambiente percebido é o meio material (ecológico e construído); é a forma espacial com suas paisagens (ou cenários). A percepção ambiental se dá por meio dos sentidos biológicos de cada indivíduo. Assim, o meio ambiente é percebido: pelos sons da audição; pelas cores da visão; pelos cheiros do olfato; pelos sabores do paladar; e pelas sensações do tato (TUAN, [1974]). Assim, cada indivíduo (feirantes, consumidor, comerciantes das lojas, pesquisadores) terá diferentes percepções sobre o meio ambiente das feiras livres.

Este artigo tem como objetivo compreender a percepção ambiental da feira livre de São Paulo do Potengi, a partir do nosso olhar de pesquisadores, e do olhar dos feirantes, dos consumidores e dos comerciantes da cidade. Para atingir esse objetivo, utilizamos como procedimentos metodológicos: a observação com registro fotográfico e a aplicação de formulários.

A observação, o nosso olhar de pesquisadores, foi do tipo: sistemática (estruturada e planejada); não participante (com o pesquisador limitando-se à observação da feira livre); pessoal (a partir do olhar do pesquisador); e na vida real (observação no local da feira livre). A observação foi sistematizada em três partes: aspectos observados e presenciados no meio ambiente da feira livre; aspectos observados e presenciados nos feirantes; e aspectos observados e presenciados nos alimentos. Na primeira parte observamos a existência ou não de: resíduos sólidos no chão; resíduos líquidos no chão; sons desagradáveis emitidos por aparelhos eletrônicos; animais (cachorros, gatos etc.) soltos; insetos ou roedores; bancas agrupadas de acordo com os tipos de produtos; bancas de madeira; bancas sujas e não higienizadas; utensílios (facas, isopores etc.) sujos e não higienizados; tendas para cobrir as bancas e circulação de pessoas; pontos de água encanadas; cestos ou latas coletoras de lixo; e banheiros. Na segunda parte observamos a presença ou ausência de: sujeira na roupa ou corpos dos feirantes; sons desagradáveis emitidos pelos feirantes; odores oriundos dos feirantes; uniforme inadequado (luvas, jalecos, botas etc.) dos feirantes; hábitos higiênicos inadequados (sem lavar as mãos);

afecções cutâneas, feridas ou acepções expostas; e uso de adornos (anéis, colares e relógios). Na terceira parte da observação, identificamos a presença ou não de: cores inadequadas (escuras ou amareladas) dos alimentos; odores oriundos dos alimentos; frutas, legumes, verduras, em contato direto com a banca ou exposto ao chão; e carnes, aves e peixes conservados em locais e temperaturas inadequadas.

Os formulários foram aplicados para 10 feirantes; 10 consumidores e 10 comerciantes das lojas do entorno da feira livre de São Paulo do Potengi, e baseados nos formulários aplicados por Maranhão (2014). Foi questionado o olhar de cada um desses sujeitos sociais em relação ao meio ambiente da feira, à higiene dos feirantes, e à higiene dos alimentos. Como também, foi questionado para eles: o que temos (pontos positivos e negativos) no meio ambiente da feira? O que queremos para o meio ambiente da feira? O que podemos fazer para chegar ao meio ambiente da feira que queremos? Além desses questionamentos, fizemos uma questão extra sobre o que cada um deles entendia sobre meio ambiente. Esses mesmos questionamentos foram feitos na entrevista com o representante da Prefeitura Municipal que é responsável pela organização da feira livre.

Este artigo está dividido em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira secção abordaremos a nossa percepção ambiental sobre a feira livre de São Paulo do Potengi. Na segunda parte, mostraremos a percepção ambiental da feira livre a partir dos olhares dos feirantes, dos consumidores e dos comerciantes locais.

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL SOBRE A FEIRA LIVRE DE SÃO PAULO DO POTENGI: UM PRIMEIRO OLHAR

Com base na história, na economia, na política e na cultura, o Ministério do Desenvolvimento Agrário regionalizou o Rio Grande do Norte a partir dos territórios rurais (atuais territórios da cidadania). Nessa regionalização, São Paulo do Potengi faz parte da região ou do território do Potengi. Esse território-região é equivalente à regionalização das regiões homogêneas feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 1970. Essa região do Potengi é composta por mais 10 municípios: Barcelona, Bom Jesus, Ielmo Marinho, Lagoa de Velhos, Riachuelo, Ruy Barbosa, Santa Maria, São Pedro, São Tomé e Senador Elói de Souza (Imagem 01).

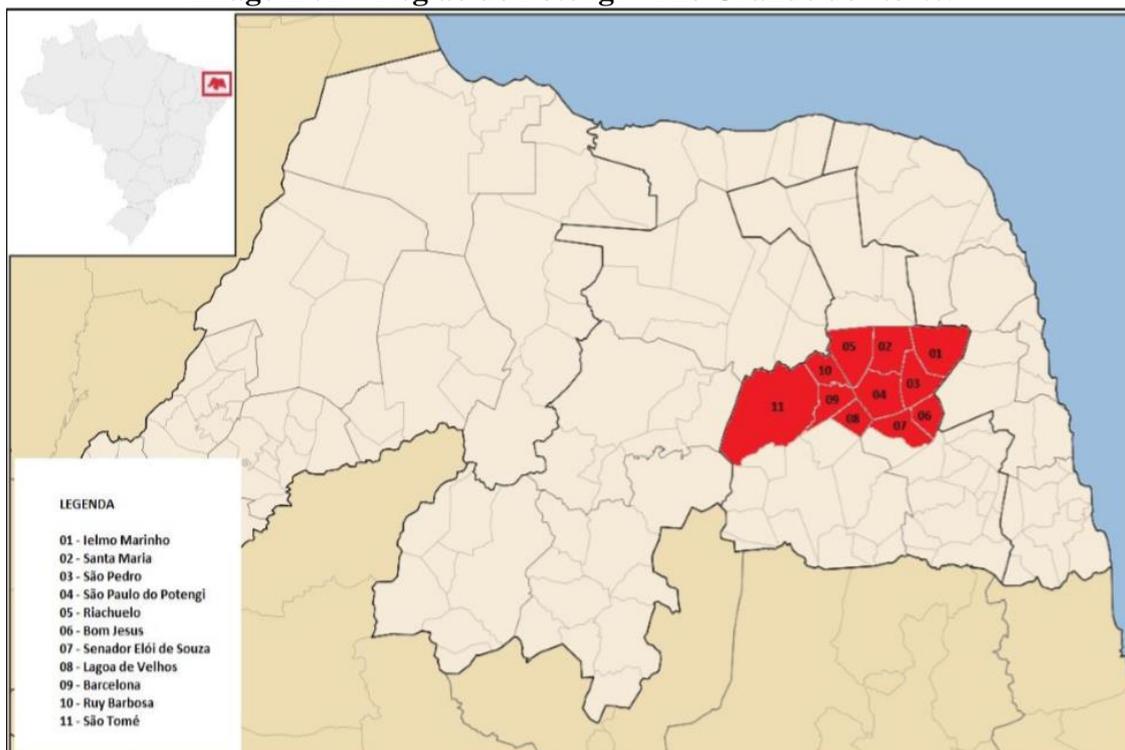
Imagem 01 – Região do Potengi – Rio Grande do Norte.


Imagem: Wikipédia.

Edição: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz.

Entre os municípios da região do Potengi, São Paulo do Potengi destaca-se por sua importância histórica, econômica, política e cultural. É o município com maior população absoluta (15843 habitantes, segundo o Censo Demográfico 2010 do IBGE), maior PIB (93.220.000 segundo o IBGE) e o maior IDH (0,066 – nível médio) da região. Há, também, um hospital regional, um campus do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), e uma tradicional feira livre. Esses elementos do espaço geográfico atraem fluxos de pessoas, mercadorias e informações de toda a região, tornando a cidade de São Paulo do Potengi um polo regional, daí ser considerada “a capital do Potengi”.

A feira livre de São Paulo do Potengi foi idealizada por Bento Urbano de Araújo, um dos criadores do município, no início do século XX, entre 1909 e 1912. É uma importante feira para a região do Potengi, porém, não tem a grandiosidade de outras feiras livres do Agreste nordestino, tais como as feiras livres de Feira de Santana, Arapiraca, Caruaru e Campina Grande.

Desde sua criação até o ano de 2013 a feira foi realizada aos sábados. Porém entre agosto de 2013 e janeiro de 2014, ocorreu um teste de mudança da feira livre do domingo

para o sábado. Após o teste e com a aprovação da Câmara Municipal, o dia de feira foi modificado para os sábados.

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Norte (SEBRAE-RN) constatou a existência de 86 feirantes na feira livre de São Paulo do Potengi. Sendo que 2 deles são formalizados, 53 residem no próprio município e os demais nos outros municípios da região (SEBRAE-RN, 2014). A partir de nossa atividade de campo, observamos que há um número muito maior de feirantes em São Paulo do Potengi. Além disso, não há uma explicação da metodologia utilizada pelo Sebrae-RN para a contagem do número de feirantes.

A feira livre de São Paulo do Potengi abrange 3 ruas da cidade: a Bento Urbano, a Otávio Lamartine e a Coronel Freire (Imagem 02). Na rua Bento Urbano na direção oeste-leste há: a venda de roupas, até o cruzamento com a Otávio Lamartine; e a venda de carnes, aves e peixes até a altura do mercado público. Na rua Otávio Lamartine, na direção sul-norte há: a venda de cereais e grãos em geral, até o cruzamento com a Bento Urbano; e a venda de frutas, legumes e verduras no restante da rua, daí ser popularmente conhecida como “rua da feira da fruta”. Na rua Coronel Freire, na direção sul-norte há: a venda de acessórios em geral e utensílios domésticos, nesta rua a feira é menos dinâmica.

Imagem 02 – Ruas da feira livre de São Paulo do Potengi.

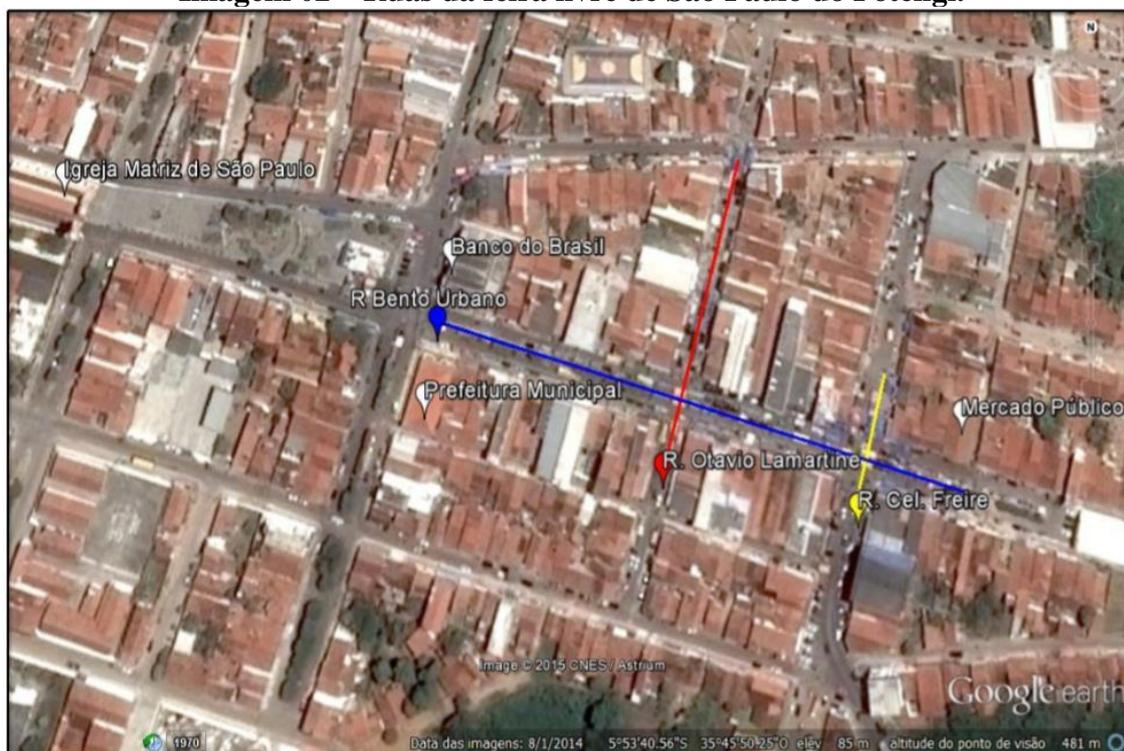


Imagem: Google Earth.

Edição: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz.

A primeira parte de nossa observação focou o meio ambiente da feira livre. Notamos, assim, a existência de resíduos sólidos e líquidos no chão (Foto 01); sons desagradáveis emitidos por aparelhos eletrônicos sonoros; cachorros e gatos soltos (Foto 02); bancas de madeira; bancas sujas e não higienizadas; utensílios, como facas e isopores, sujos e não higienizados.

Necessita-se de uma maior fiscalização na feira livre, por parte da Prefeitura Municipal, para impedir o uso de aparelhos sonoros em alturas inadequadas, como também o trânsito de animais pela feira. Por fim, há necessidade de mais cestos de lixo e de trabalho de conscientização de feirantes e consumidores para jogarem os resíduos sólidos e líquidos em locais adequados.

Observamos uma boa organização da feira em relação a distribuição de produtos em cada rua. Porém, há uma ausência: de tendas para cobrir as bancas e a circulação de pessoas; de pontos de água encanada; de cestas ou latas coletoras de lixo; e de banheiros para feirantes e consumidores.

Em relação as tendas e padronização de bancas a Prefeitura Municipal tem um projeto para implantar apenas no setor dos cereais, sendo que o ideal seria a padronização da feira em totalidade. Seria interessante a Prefeitura Municipal construir projetos de pontos de água encanada para os feirantes higienizarem seus utensílios e suas mãos, além de disponibilizar latas de lixo e garis para limparem durante a feira e não apenas após o término desta. Há também a urgência na alocação de banheiros orgânicos ou químicos distribuídos pelas ruas da feira.

Ainda em relação aos pontos de água encanada, enquanto a Prefeitura Municipal não toma as devidas providências, os feirantes podem levar uma garrafa grande de água e detergente para a feira livre e assim lavar as mãos e higienizar seus utensílios constantemente.

A segunda parte da nossa observação abrangeu os feirantes, e encontramos: sujeira nas roupas e corpos deles; gritos emitidos por eles; odores oriundos deles; a não uniformização adequada deles; hábitos não adequados por parte deles; ferimentos, afecções cutâneas e supurações expostas nas peles deles; além do uso de adornos.

Há a necessidade da Prefeitura Municipal criar uma camiseta oficial e doar aos feirantes, assim identificaríamos mais rapidamente quem é trabalhador e quem é consumidor. Além disso, o poder municipal precisa doar luvas descartáveis, toucas descartáveis e aventais para todos os feirantes; e botas e jalecos para os feirantes que

trabalham com carnes, aves e peixes. Por fim, há a necessidade de uma profunda Educação Ambiental na feira livre para conscientizar os feirantes da necessidade de higiene pessoal (corpo e boca) e de cuidar da saúde, a necessidade de usar uniformes adequados, e a necessidade de lavar constantemente as mãos e os utensílios pessoais durante a feira.

Por último, a terceira parte de nossa observação abarcou os aspectos dos alimentos. Estes possuem cores escurecidas em algumas bancas, com aspecto de apodrecimento, principalmente em frutas, verduras e em algumas aves. Principalmente nos setores das carnes há odores oriundos deles. Há também frutas, legumes e verduras expostos no chão, ou em contato direto com as bancas de madeira (Foto 03). E carnes, aves e frangos expostos em locais e temperaturas inadequadas (Foto 04). Além do que observamos, o Sebrae-RN (2014) destacou em seu estudo o trânsito de motocicletas no interior da feira livre.

Foto 01 – Resíduos sólidos e líquidos no chão da feira livre de São Paulo do Potengi – agosto de 2015.



Foto: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz.

Foto 02 – Cachorro transitando na feira livre de São Paulo do Potengi – agosto de 2015.



Foto: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz.

Foto 03 – Alimentos expostos no chão da feira livre de São Paulo do Potengi – agosto de 2015.



Foto: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz.

Foto 04 – Alimentos conservados inadequadamente em feira livre de São Paulo do Potengi.



Foto: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz.

Assim como a fiscalização mais forte será solução para evitar sons desagradáveis, cachorros e gatos transitando na feira, essa ação também será eficaz para o trânsito de motocicletas. Além disso, há a necessidade, juntamente com a colocação de tendas na feira livre para cobrir os feirantes e as pessoas que circulam, de padronizar as bancas, retirando as de madeira e colocando as de acrílico, ambientalmente adequado. Como não condições de colocar pontos de energia na feira para refrigerar adequadamente carnes, aves e peixes. A solução para tal problema seria colocar todos os feirantes com esse tipo de produtos dentro do mercado público.

O mercado público corresponde apenas à uma parte da feira livre. Em várias cidades brasileiras, as feiras livres são realizadas ao redor do mercado público. No caso de São Paulo do Potengi, no mercado público, oficialmente o Mercado do Produtor Familiar, predomina a venda de carnes, aves e peixes. Além disso é o único local público que dispõe de banheiros para feirantes e consumidores. A pesquisa do Sebrare-RN (2014) aponta: a sujeira e a falta de iluminação nos banheiros do mercado público; vazamento na caixa d'água dos banheiros do mercado; e a infraestrutura física comprometida e mal iluminada no mercado (SEBRAE-RN, 2014).

Ressaltamos que não há somente aspectos negativos nas feiras livres, em especial na feira livre de São Paulo do Potengi. O estudo do Sebrae-RN (2014), por exemplo, mostra que a feira livre de São Paulo do Potengi tem dimensão: econômica, social e cultural. Economicamente é um centro de comercialização, que aquece a economia local, e oferta produtos com preços acessíveis à maior parte da população da cidade. Socialmente a feira livre é importante para a interação entre as pessoas. Culturalmente, a feira se estabelece enquanto uma tradição familiar, valoriza os costumes e as características locais e é uma referência para o município de São Paulo do Potengi (SEBRAE-RN, 2014). Em termos culturais, acrescentaríamos as mercadorias produzidas na própria região que são comercializadas na feira, por exemplo, as peças de cerâmica.

O trabalho do Sebrae-RN (2014) colabora com o nosso, na medida em que aponta um plano de ação para a feira livre de São Paulo do Potengi que abranja: maior fiscalização na feira; melhoria da limpeza; padronização das bancas, restaurando-as e adequando-as com saias e cobertas; a disponibilidade de banheiros ao longo da feira; e a revitalização do mercado público. Em entrevista, o representante da Prefeitura Municipal argumentou que o prefeito quer fazer o projeto de revitalização e padronização, porém, devido à falta de recursos, ele pretende iniciar o projeto somente com os feirantes do setor de cereais.

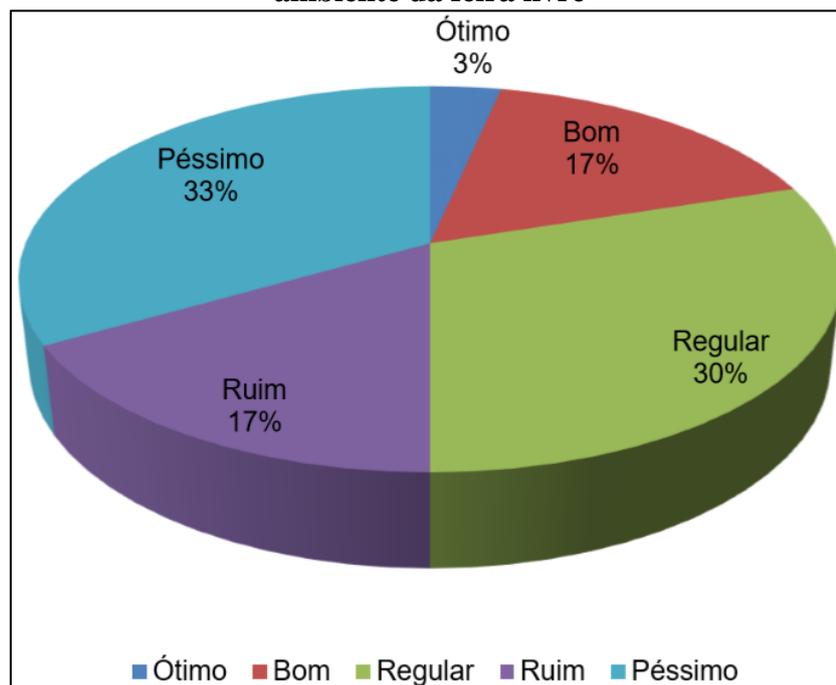
A PERCEPÇÃO AMBIENTAL SOBRE A FEIRA LIVRE DE SÃO PAULO DO POTENGI: OUTROS OLHARES

Com o propósito de tomar conhecimento do ponto de vista dos consumidores, feirantes e comerciantes quanto aos aspectos observados e presenciados do meio ambiente da feira livre de São Paulo do Potengi, foram aplicados 30 questionários que se dividiu em 10 para feirantes, 10 para consumidores e 10 para comerciantes, dos quais continha três questões objetiva e quatro subjetivas. As referidas questões abordavam sobre problemas de limpeza e higiene do meio ambiente da feira, dos feirantes e dos alimentos, bem como os aspectos positivos e negativos da feira, o que se pode fazer para melhorar o meio ambiente da feira, e por fim, sobre o que é meio ambiente no olhar deles.

Começaremos a discutir sobre as questões objetivas, as quais poderiam ser classificadas em ótimo, bom, regular, ruim e péssimo. Na entrevista realizada com feirantes, consumidores e comerciantes sobre a limpeza e higiene do meio ambiente da feira livre (Gráfico 01), constatou-se que vinte e quatro dos trinta entrevistados classificam o meio ambiente da feira entre regular e péssimo. Em virtude da falta de distribuição de coletores ao longo do espaço, o que reduziriam a presença de alguns resíduos que ficam dispostos ao longo das ruas da feira. Como exemplo, podemos citar as sacolas plásticas, papéis e restos de alimentos (cascas de frutas). Outro problema que podemos mencionar são os resíduos líquidos, como a água do descongelamento das carnes e peixes, tornando-se atrativo para animais vadios e insetos, que permanecem ao longo da feira e, uma vez que sua presença naquele local pode contaminar os alimentos, com bactérias presentes em seus pelos.

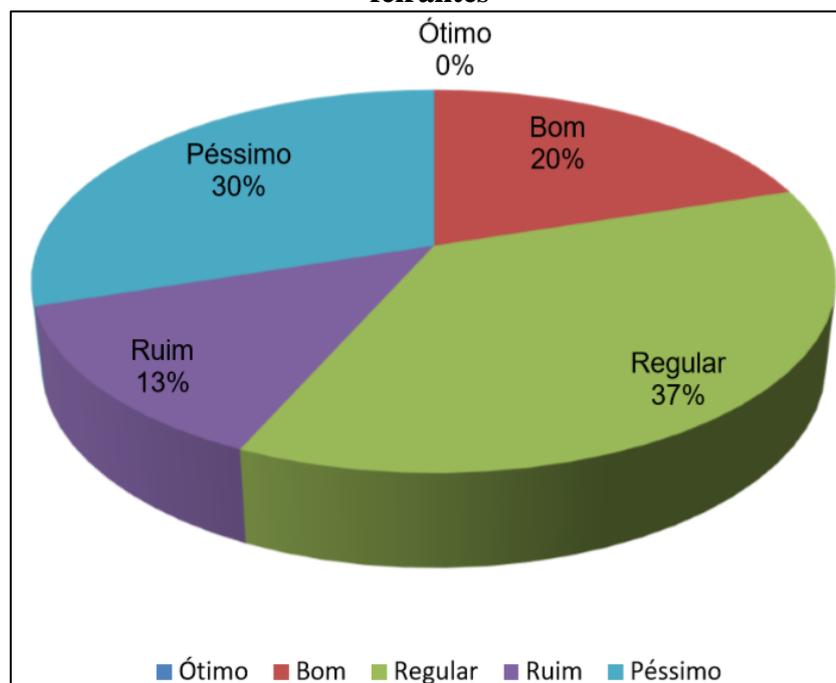
Em relação a limpeza e higiene dos feirantes (Gráfico 02), foi notada que a maioria dos entrevistados, vinte e quatro dos trinta, agrupou suas respostas entre regular e péssimo. Para esclarecer essa grande maioria, os entrevistados nos apresentaram negligência vindo por parte dos feirantes como a presença de adorno, ferimentos cutâneos, falta de aparado das unhas, ausência de luvas e batas, e mesmo alguns poucos com a presença de batas, as mesmas presenciavam-se sujas, falta de limpeza das mãos (pois há o manuseio de dinheiro e em seguida nos alimentos, sem nem ao menos higieniza-las) e dos utensílios. Algo que vale ser ressaltado, é o posicionamento dos feirantes. Uma vez que os próprios na sua maioria, oito dos dez, classificaram entre regular e péssimo a sua limpeza e higiene. Logo, fica claro que os elementares participantes dessa dinâmica são cientes da situação vigente.

Gráfico 1: Classificação dos entrevistados quanto a limpeza e higiene do meio ambiente da feira livre



Fonte: Pesquisa de campo, out.2015.

Gráfico 02 - Classificação dos entrevistados quanto a limpeza e higiene dos feirantes

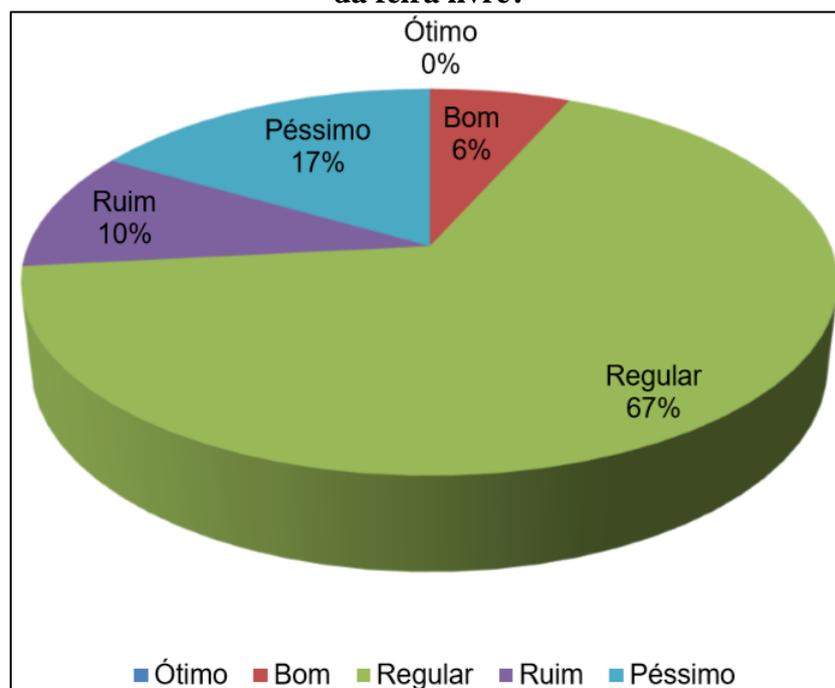


Fonte: Pesquisa de campo, out.2015.

Com relação a limpeza e higiene dos alimentos (Gráfico 03), as respostas foram quase que unânimes, já que vinte e oito dos trinta, ordenaram suas respostas entre regular

e péssimo. Posto que, os mesmos comentaram que observam uma grande exposição dos alimentos tanto ao sol, quanto na bancada de madeira e algumas não possuem nem ao menos a proteção com lonas, ressaltando ainda que as bancas são velhas e sujas, e como são feitas de madeira não tem como haver a higienização adequada.

Gráfico 3: Classificação dos entrevistados quanto a limpeza e higiene dos alimentos da feira livre?



Fonte: Pesquisa de campo, out.2015.

Com relação aos questionamentos subjetivos, que eram 4, notamos uma grande semelhança nas respostas obtidas entre esses três grupos, o que nos levou a indagar o motivo dessa semelhança, já que a pesquisa foi realizada com três grupos bem diferenciados que compõem a dinâmica da feira livre. Dessa maneira, descreveremos aqui cada questão e explanaremos sobre o sentido de cada resposta.

O quarto questionamento que direcionamos aos entrevistados (feirantes, consumidores e comerciantes), indagava sobre os pontos positivos e negativos da feira livre. Primeiramente serão apresentados os pontos positivos, aos quais obtiveram-se os seguintes resultados: 05 entrevistados não responderam, 04 destacaram o preço dos produtos, que é considerado mais barato na feira do que nos comércios que se encontram em seus arredores, 02 consideram que todos os aspectos do ambiente estudado são bons, 08 afirmaram que não há pontos positivos, sendo este maioria entre todos os demais desse ponto, podendo-se notar o desagrado das pessoas que convivem nesse ambiente, não importando sua posição no funcionamento da mesma; 05 a organização e o espaço da

feira, que de fato ocorre, se levarmos em conta a separação por tipo de produto, já que encontra-se uma divisão em quatro ruas sendo que cada uma delas é destinada a especificações distintas de mercadorias; 01 deu ênfase ao atendimento dos comerciantes; 02 afirmaram que havia pontos positivos mais não os especificaram e 03 destacaram a variedade de produtos vendidos ao longo da feira (dando destaque a feira da fruta), que de fato é determinante para a importância socioeconômica que a feira livre exerce em São Paulo do Potengi e nos municípios próximos.

Em relação aos pontos negativos obteve-se os seguintes resultados: 03 não responderam, 01 responsabilizou a mudança do dia da feira, que antes ocorria aos domingos e agora acontece aos sábados, 01 afirmou que há falta de espaço, 09 denunciaram a falta de higienização na parte da feira destinada a venda das carnes, que é provocada principalmente pelo acúmulo de resíduos líquidos (degelo das carnes e peixes) e sólidos (restos de carnes e peixes), que por conseguinte atrai animais vadios e insetos; 04 responderam a falta de higienização das bancas que além de serem de madeira não possuem tendas que são necessárias para que o alimento não fique exposto ao sol e outros fatores, 05 deram enfoque ao trânsito de animais vadios ao longo da feira livre, 02 afirmaram que não há pontos negativos, 01 alegou a falta de fiscalização e 04 a falta de depósitos de lixo, que de fato não se encontram em quase nenhum ponto da feira, impulsionando ainda mais o descarte de lixo no chão ao longo da mesma. Os Quadros 01, 02 e 03, apresentam as respostas divididas segundo os grupos de entrevistados (comerciantes, consumidores e feirantes):

Quadro 01- Respostas dos feirantes quanto aos pontos positivos e negativos que encontramos no meio ambiente da feira livre.

Positivo:

1. *(Não respondeu).*
2. *A carne é de primeira, pois, é abatida no matadouro daqui.*
3. *Inexistente.*
4. *Nenhum.*
5. *Não tem.*
6. *Nenhum.*
7. *Não tem.*
8. *Organização por produtos.*
9. *Organização por produtos.*
10. *(Não respondeu).*

Negativo:

1. *Mais fatores negativos: limpeza e conservação das tendas.*
2. *As mesas não são adequadas.*
3. *Sem cobertura.*

4. *Resíduo sólidos no chão e trânsito de animais.*
5. *Resíduos jogados no chão.*
6. *Sujeira no chão e trânsito de animais.*
7. *Falta de fiscalização, esgotos, objetos sólidos, resíduos alimentícios no chão.*
8. *Lixo e esgoto.*
9. *Sujeira na parte de carnes e peixes.*
10. *Não há pontos negativos.*

Fonte: pesquisa de campo, out. 2015

Quadro 02- Respostas dos consumidores quanto aos pontos positivos e negativos que encontramos no meio ambiente da feira livre.

Positivo:

1. *(Não respondeu).*
2. *Há mais pontos positivos (não soube dizer quais).*
3. *O atendimento.*
4. *Há pontos positivos e tem negativos.*
5. *(Não respondeu).*
6. *Variedades de produtos (frutas, legumes etc.).*
7. *As frutas terem preços mais acessíveis.*
8. *As frutas são mais baratas.*
9. *A feira da fruta.*
10. *Tudo bom.*

Negativo:

1. *Mudar a feira para o sábado.*
2. *(Não respondeu).*
3. *(Não respondeu).*
4. *Deveria ter mais espaço. Há somente para os feirantes.*
5. *Não há higiene adequada.*
6. *Falta de higiene e bancadas inadequadas.*
7. *O local das carnes possui muitos insetos e muitos sacos plásticos pelo chão.*
8. *Os alimentos ficam expostos às moscas.*
9. *A feira do peixe e o mercado da carne, pois causa mau cheiro.*
10. *(Não respondeu).*

Fonte: pesquisa de campo, out. 2015.

Quadro 03- Respostas dos comerciantes locais quanto aos pontos positivos e negativos que encontramos no meio ambiente da feira livre.

Positivos:

1. *Organização dos produtos.*
2. *Bastante espaço.*
3. *(Não respondeu).*
4. *Nenhum.*
5. *Nenhum.*
6. *Nenhum.*
7. *Preços mais baratos.*
8. *As pessoas ficam à vontade.*
9. *Tudo ótimo.*
10. *Preço.*

Negativos:

1. *Trânsito de animais.*

2. *Não há.*
3. *Dejetos e má conservação.*
4. *Sujeira e mal cheiro.*
5. *Sujeira e mal cheiro.*
6. *Resíduos sólidos e falta de higiene.*
7. *Resíduos sólidos.*
8. *Desconforto e alimentação exposta.*
9. *Falta de depósitos de lixo.*
10. *Limpeza fica a desejar.*

Fonte: pesquisa de campo, out. 2015.

Este quarto questionamento é suma importância, visto que, é essencial observarmos e conhecermos o espaço onde vivermos, frequentamos e nos relacionamos. Cada indivíduo tem sua maneira de observar este espaço, como afirma Yu Fu Tuan ([1974], p.21) “são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície”. Ou seja, cada indivíduo tem uma maneira singular de experienciar o espaço o qual se situa e da maneira como funciona essa dinâmica. Contudo, para Yu Fu Tuan (1974, p.21) também “por mais diversas que sejam as nossas percepções do meio ambiente (...) estamos limitados a ver as coisas de uma certa maneira”. Isto é, apesar de sermos sujeito diferente, de termos emoções e pensamentos diferente, conseguimos ter visões semelhantes de determinadas situações, como exemplo: os indivíduos que apensar de suas diferenças, com o auxílio dos seus sentidos (visão, tato, olfato e audição) atuando de forma conjunta, percebem a ausência de higienização que provoca a presença de resíduos tanto sólidos quanto líquidos ao longo da feira, da mesma forma que observam também a diversidade de produtos existente e a forma como este meio se organiza.

Na quinta pergunta lhes questionamos sobre o que eles queriam no meio ambiente da feira livre. E pudemos observar que as respostas muito se assemelhavam. Nesse contexto, apresentaremos os resultados nos quadros 04, 05 e 06:

Quadro 04 – Respostas dos feirantes sobre o que eles querem no meio ambiente da feira livre.

1. *Não jogar lixo.*
2. *Refrigeração para carnes e bancas.*
3. *Mais fiscalização, vigilância sanitária e limpeza.*
4. *Conscientização dos feirantes e trazer mais baldes de lixo.*
5. *Fiscalização.*
6. *Colaboração da Prefeitura.*
7. *Trazer fiscalização para a feira.*
8. *Varrer e tirar focos de esgoto.*

- | |
|---|
| <p>9. <i>Instalação de banheiros, limpeza na parte das carnes e peixes e armazenamento correto dos restos de carne.</i></p> <p>10. <i>Voltar para o Domingo e colocar lixeiras.</i></p> |
|---|

Fonte: pesquisa de campo, out. 2015

<p>Quadro 05 - Respostas dos consumidores sobre o que eles querem para o meio ambiente da feira livre.</p>

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Não soube responder.</i> 2. <i>Não soube responder.</i> 3. <i>Melhorar a higiene.</i> 4. <i>Higiene, recipientes para lixo, mais espaço e sem carro.</i> 5. <i>Cada feirante fazer sua parte e limpar.</i> 6. <i>Podemos cobrar da administração pública uma fiscalização mais rigorosa por parte da vigilância sanitária.</i> 7. <i>Colocar coletores de lixo na feira e conscientizar feirantes e consumidores.</i> 8. <i>Conversar com a Prefeitura.</i> 9. <i>Falar com a Prefeitura.</i> 10. <i>Exigir melhores condições na cobertura das bancas.</i> |
|--|

Fonte: pesquisa de campo, out. 2015.

<p>Quadro 06- Respostas dos comerciantes locais sobre o que eles querem para o meio ambiente da feira livre.</p>

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Procurar manter sempre a limpeza.</i> 2. <i>Pontos de coleta de lixo.</i> 3. <i>Trocar por feira coberta e padronizar.</i> 4. <i>Organização e fiscalização.</i> 5. <i>Organização, fiscalização, mais depósitos de resíduos sólidos.</i> 6. <i>Campanha entre todos os feirantes.</i> 7. <i>Falar com o prefeito sobre a higiene.</i> 8. <i>Um local adequado para eles venderem, dividindo em setores.</i> 9. <i>Colocar depósito de lixo nas ruas.</i> 10. <i>Não soube responder.</i> |
|--|

Fonte: pesquisa de campo, out. 2015.

De todos entrevistados, 03 deles não souberam responder a referida indagação; já, 09 entrevistados de todos os grupos, colocaram que para a melhoria do meio ambiente da feira seria preciso a instalação de coletores de lixo para a redução dos resíduos sólidos que se encontram dispostos ao longo da feira; como também 09 pessoas comentaram que seria necessário procurar a prefeitura, para que a mesma colabore de maneira efetiva, que traga uma fiscalização e vigilância sanitária. E outro fator para a melhoria, é a organização na feira que deve ter; além disso, 01 entrevistado também comentou que é essencial que não joguem o lixo em qualquer lugar. 05 dos entrevistados mencionaram que as benfeitorias no meio ambiente da feira só poderiam ser advindas a partir da exigência dos feirantes por melhores condições na cobertura das bancas, como também para

refrigeração das carnes (um local adequado para o armazenamento de carnes e peixes) e padronizar a feira de modo que a mesma também possua uma cobertura adequada. E, outro ponto elencado foi a instalação de banheiro, assim como maior limpeza na parte das carnes e varrer tirando todos os focos de esgoto; ao final, 01 pessoa referiu que cada feirante deve fazer sua parte e limpar e outro declarou que eles (feirantes) devem organizar uma campanha entre eles, tal como também houve 01 indivíduo, o qual, elucidou que, para feira, se faz necessário que haja um local adequado para a comercialização e que fosse dividido em setores.

Essa questão, traz à tona um raciocínio do quanto é fundamental termos consciência da qualidade do espaço onde estamos, onde nos relacionamos. Uma vez que, diariamente pensamos e ansiamos o ganho pessoal e esquecemos, muitas vezes do cuidado, o qual se deve ter com os meios pelos quais nos beneficiamos, pois como ressalta Milton Santos (1994 p.145) “a razão do comércio e não a razão da natureza é que preside a sua instalação”. Como ele mesmo disse “sua instalação” torna-se crescentemente indiferente as condições preexistente”, relacionando com a feira notamos que os agentes da mesma muitas vezes não se importam com os limites ambientais do ambiente em questão, dando mais importância ao resultado advindo de suas vendas e adesões pessoais. A vista disso, esta indagação busca conhecer o parecer dos entrevistados, acerca das melhorias essenciais para um melhor funcionamento desta dinâmica. Nesse sentido obtivemos várias propostas, tais como: a melhoria da higiene, tratamento dos focos de esgotos, fiscalização periódica na feira entre outros.

O sexto questionamento feito aos entrevistados lhe sugeria o que fazer para conseguir as melhorias que a feira livre necessita, a partir da seguinte indagação sobre o que fazer para conseguir as melhorias do meio ambiente da feira livre que queremos. Com o total de 30 entrevistados, dentre eles feirantes, consumidores e comerciantes, obtivemos as seguintes respostas: 16 dos entrevistados afirmaram que para que essas melhorias possam ser alcançadas todos os envolvidos devem cobrar políticas públicas, principalmente da Prefeitura Municipal e da Vigilância Sanitária, e sugeriram que isso pode ser feito a partir de uma comissão deles próprios, pois esse ato ajudaria a melhorar as condições da feira e deixa-la cada vez mais organizada.

Outros 06 entrevistados disseram que deve haver colaboração de todos os presentes nessa dinâmica, para ajudar a melhorar as condições de higiene do espaço; 02 dos 30 falaram que deveria acontecer uma padronização, tanto nos uniformes quanto nas bancas, e que as lonas as quais utilizam para cobertura poderiam ser trocadas por tendas,

no qual um deles sugeriu buscar contribuição da prefeitura; 02 afirmaram que deve haver a limpeza da feira, dizendo que deveria colocar mais garis; já outros 02 não souberam responder; e 01 dos entrevistados comentou que era necessária a instalação de depósitos de lixo no percurso da feira, como também a existência de banheiros, que seriam importantes para higienização dos vendedores e um último entrevistado respondeu que cada um pode colaborar guardando seu lixo, podendo utilizar sacolas retornáveis e reciclar garrafas PET's. As repostas estão expostas nos quadros 07, 08 e 09.

Quadro 07 - Respostas dos feirantes sobre as medidas que podem ser tomadas para melhorar o meio ambiente da feira livre.

1. *Fiscalização da prefeitura.*
2. *O que poderia ter: padrão, fiscalização e uniforme adequado.*
3. *Juntar uma comissão e procurar um órgão para tomar solução.*
4. *Fiscalização e contribuição dos feirantes e Prefeitura.*
5. *Reunião de feirantes.*
6. *Reunião entre feirantes.*
7. *Se reunir todos os feirantes para debater as condições da feira.*
8. *Colocar mais garis para limpar a feira.*
9. *Pedir para a Prefeitura tomar providências para contribuir com a limpeza.*
10. *Organizar os produtos em tendas com a contribuição da prefeitura.*

Fonte: pesquisa de campo, out. 2015.

Quadro 08 - Respostas dos consumidores sobre as medidas que podem ser tomadas para melhorar o meio ambiente da feira livre.

1. *Limpeza da feira.*
2. *Não soube responder.*
3. *Não soube responder.*
4. *Guardando seu lixo. Reciclando sacolas retornáveis e garrafas PETs.*
5. *Colaboração de todos.*
6. *Participar cobrando políticas públicas adequadas ao comerciante da feira.*
7. *Procurar os órgãos públicos (Prefeitura Municipal e Vigilância Sanitária).*
8. *Conversar com a Prefeitura.*
9. *Colaboração dos comerciantes e consumidores na melhoria da higiene da feira.*
10. *Falar com os feirantes e gestores públicos.*

Fonte: pesquisa de campo, out. 2015.

Quadro 09 - Respostas dos comerciantes locais sobre as medidas que podem ser tomadas para melhorar o meio ambiente da feira livre.

1. *Mais lixos e banheiros.*
2. *Procurar as autoridades e conscientização.*
3. *Mostrar o que está errado e o que é certo.*
4. *Reuniões e reivindicações por parte dos feirantes*
5. *Recorrer à prefeitura.*
6. *Fazer uma organização dos feirantes.*
7. *Procurar a gestão pública e colocar fiscais na feira.*

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 8. <i>Falar com governantes e empresários.</i> 9. <i>Falar com o gestor.</i> 10. <i>Reunião com os gestores para buscar uma alternativa.</i> |
|--|

Fonte: Pesquisa de campo, out. 2015.

A sexta indagação, possuía o propósito de tomarmos consciência do entendimento dos indivíduos, a respeito de a quem se deve recorrer ou como se deve buscar as melhorias esperadas para o meio ambiente da feira e aqui fazendo uma ponte com a quinta indagação, procuramos saber se a partir das propostas levantadas sobre o que fazer para melhorar o meio ambiente da feira livre, se os mesmos saberiam a quem recorrer para solucionar os problemas já citados anteriormente. Visto que, é crucial sabermos o que queremos, para só assim tomarmos atitudes acerca do que podemos fazer para conseguir essas melhorias.

O último questionamento abordou aos entrevistados o que eles entendiam por meio ambiente. Dessa forma, foram obtidas as seguintes respostas, de um total de 30 pessoas: 17 dos 30 questionados responderam que o meio ambiente é o lugar onde vivemos e/ ou tudo que nos rodeia; 03 disseram que pode ser definido como um lugar limpo, que possui árvores e boa qualidade de vida; outros 03 afirmaram que é limpeza; 03 deles não souberam responder. Já outros 02 entrevistados destacaram que o meio ambiente é algo que devemos preservar, pois nós vivemos nele; 01 definiu como o que traz a vida e o último entrevistado disse que se caracteriza por ser um ambiente adequado para conviver melhor, limpo para sentir-se bem, tanto em casa quanto no trabalho. Os quadros 10, 11 e 12 mostram as respostas dos formulários aplicados.

Quadro 10 - Respostas dos feirantes sobre o que é meio ambiente.

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>O espaço onde estamos.</i> 2. <i>É o todo. Cuidar das terras, cuidar do espaço onde estamos, não jogando lixo.</i> 3. <i>O que traz a vida.</i> 4. <i>O local onde vivemos.</i> 5. <i>Tudo que nos rodeia.</i> 6. <i>Onde vivemos.</i> 7. <i>Tudo que nos rodeia.</i> 8. <i>Tudo que nos rodeia.</i> 9. <i>Local onde vivemos.</i> 10. <i>Tudo o que está a nossa volta.</i> |
|---|

Fonte: pesquisa de campo, out. 2015.

Quadro 11 - Respostas dos consumidores sobre o que é meio ambiente.
--

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Não soube responder.</i> 2. <i>Onde vivemos.</i> |
|---|

3. *Não soube responder.*
4. *O lugar onde vivemos.*
5. *O lugar estar limpo.*
6. *É tudo que nos cerca.*
7. *O lugar onde vivemos.*
8. *(Não soube responder).*
9. *As árvores e uma cidade limpa.*
10. *Limpeza e qualidade de vida.*

Fonte: pesquisa de campo, out. 2015.

Quadro 12 - Respostas dos comerciantes locais sobre o que é meio ambiente.

1. *Algo que devemos preservar, pois vivemos nele.*
2. *É todo espaço que pode ser utilizado, onde vivemos.*
3. *O meio que a gente vive.*
4. *Tudo que nos rodeia.*
5. *Onde vivemos.*
6. *Limpeza.*
7. *Limpeza.*
8. *Onde vivemos e respiramos.*
9. *Limpeza.*
10. *Um ambiente adequado para conviver melhor, limpo para se sentir bem, em casa e no trabalho.*

Fonte: pesquisa de campo, out. 2015.

Nesse sétimo questionamento, tínhamos por finalidade tomar consciência de qual a ideia sobre o que é meio ambiente para os participantes dessa da dinâmica da feira livre. E com os resultados, constatamos que os indivíduos dos três grupos têm uma visão simples, fraca ou até mesmo vaga de meio ambiente, restringindo-se apenas a pensar que meio ambiente é simplesmente limpeza ou espaços naturais, bem como o local onde vivemos.

No entanto, o conceito de meio ambiente explicado por meio da ideia de tudo que pertence a um espaço, a uma certa dinâmica, compõe um meio ambiente, está muito além de espaços físicos naturais, como aponta Milton Santos (1994, p.149) “meio ambiente nada mais é o meio de vida do homem”, o qual é utilizado tanto para sua socialização, como também para obter seu sustento. Logo, constitui-se assim um conceito de meio ambiente mais complexo.

Com isso, podemos inferir que todas as técnicas criadas e desenvolvidas pelos seres humanos, bem como seu desenvolvimento e experimentação nesse ambiente é o que concebe este conceito de meio ambiente. Poucos sabem, mas o que conhecemos por área urbana, equivale a um meio ambiente, o meio ambiente urbano, o qual é proporcionador

do nascimento e estabelecimento de tecnologias, ciência e mercadoria, mercadoria essa que pode ser intitulada também como informação.

A feira livre se encaixa muito bem nos quesitos citados acima, pois a mesma além de produzir a comercialização (que é o objetivo mais direto para a sociedade), indiretamente também produz ciência, tecnologia, cultura e política. Como Dantas (2008, p.99) mostra, “a feira não envolve somente o ato de compra e venda, o qual se encerra com o pagamento e a aquisição dos produtos”. Nela há o envolvimento também de trocas, para além das comerciais, há as simbólicas e as sociais.

Como dito anteriormente, a feira propicia a tecnologia, ciência e informação. Sobre a produção de tecnologia, podemos dizer que a feira a produz, dado que, ela é um objeto técnico, pois, é fruto da criação humana, é um resultado da ação humana e sobre isso, Milton Santos (1994, p.143) comenta: “não se pode pensar em técnica, ou, mais explicitamente, em objeto técnico, sem pensar paralelamente na sociedade que os anima”. Com isso, esse objeto técnico, a feira, só continua a existir pois existe seus elementos fundadores (feirantes e consumidores).

Com relação a produção de ciência, a mesma pode ser considerada, pois, os produtos lá encontrados, de uma maneira mesmo que fraca, podem sim, serem gerados por meio de um método científico ainda que, um tanto mais ultrapassado.

Com referência a produção de política nesse meio, ela acontece no momento em há as relações entre as pessoas, o diálogo criado entre esses agentes (feirantes e consumidores. Ou até mesmo com pessoas de mesmo grupo). E outra relação política que podemos elucidar é o conflito existente entre a administração pública (prefeitura) e feirantes. Esta última, contudo, tem-se uma resistência maior em seu diálogo, que de um lado há relutância da Prefeitura em revitalizar a feira e do outro lado, existe o bloqueio para que as reivindicações dos feirantes sejam ouvidas.

Por fim, devemos complementar que apesar da feira ser um fenômeno que ocorre em um curto período, apenas em um dado momento, ela suscita vários eventos. Como Dantas (2008, p.99) anuncia, a feira pode ser “caracterizada por uma multiplicidade de eventos, modificando, ainda que por um período curto, a temporalidade da cidade imprimindo um dinamismo diferente do habitual”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou um primeiro olhar sobre a feira livre de São Paulo do Potengi. Um olhar limitado ao olhar geográfico, o ponto de vista da espacialidade, mais precisamente a dimensão física dessa espacialidade, o meio ambiente, o que limita ainda mais o olhar. Esse é também um olhar de um limitado pesquisador-professor e de limitadas pesquisadoras bolsista e voluntárias, circunscrito apenas ao aparente, à forma, deixando a essência, o conteúdo em segundo plano. É um olhar limitado também às percepções dos feirantes, consumidores e comerciantes da cidade e São Paulo do Potengi.

Os olhares (dos pesquisadores, feirantes, consumidores, comerciantes) foram semelhantes, pois, geralmente perceberam, através da audição, os sons das caixas amplificadoras dos vendedores de CD e DVD, como também o som dos gritos dos feirantes, das conversas entre feirantes e consumidores, das conversas entre os transeuntes, além dos sons das motos e dos carros que trafegam nas proximidades da feira. Esses olhares também perceberam, através da visão, as diversas cores da feira livre, predominando o laranja e o azul das lonas, assim como o verde, o amarelo e o vermelho das frutas, legumes e verduras, além do cinza das carnes e peixes. Observaram os animais vadios que circulam na feira, as moscas, os resíduos líquidos e sólidos no chão, os ferimentos nos corpos dos feirantes, as sujeiras em suas roupas e unhas, além da sujeira e da falta de condicionamento adequado dos alimentos.

O olfato desses sujeitos sociais também permitiu olhar e perceber os cheiros das frutas, do churrasquinho, do óleo do pastel, das carnes frescas, dos peixes, do esgoto à céu aberto próximo da feira. O paladar permitiu degustar os sabores da feira, os sabores das frutas frescas, do pastel, do caldo de cana, do sorvete e do churrasquinho da esquina. Por fim, o tato desses sujeitos possibilitou a percepção de sensações como a brisa que circula entre as bancas, assim como, o calor provocado pelas altas temperaturas do clima tropical semiárido, do sertão nordestino, da região do domínio morfoclimático da caatinga, em meio aos solos pedregosos da depressão sertaneja.

É de grande valia outros olhares, as diferentes paralaxes, complementares à dimensão física da espacialidade. Pois, a feira livre de São Paulo do Potengi tem, em sua espacialidade, uma dimensão: econômica (das redes e suas interações espaciais através dos fluxos de pessoas, mercadorias e informações); política (dos territórios e suas territorialidades por meio das relações de poder entre firmas, instituições e pessoas); e

cultural (dos lugares e suas representações socioespaciais para cada sujeito social que dela participa – feirantes, consumidores, frequentadores, artistas etc.).

Para além desse ponto de vista geográfico, faz-se necessário também abordarmos e aprofundarmos no conhecimento sobre o mundo das feiras livres, em especial, o lugar-mundo da feira livre de São Paulo do Potengi, a partir de outros olhares: da Filosofia, da Arte, da Teologia, do Senso Comum, da Antropologia, da Sociologia, da Economia Política, da Biologia, da Ecologia, da Arquitetura e Urbanismo, das Engenharias.

Portanto, a feira livre de São Paulo do Potengi, assim como as demais feiras do Brasil, não é apenas um lugar da circulação (produção, distribuição, troca e consumo) econômica. Também é um meio ambiente produzido pelos feirantes, organizado pelo Estado (Prefeitura Municipal) e usado por todos os grupos sociais da cidade. Para além de lugar da circulação (conteúdo econômico) e meio ambiente construído (conteúdo físico), essa feira livre é uma forma socioespacial, com um conteúdo (estruturas, processos e funções) político e cultural.

Como proposta para o fortalecimento da feira livre de São Paulo do Potengi apontamos revitalização e padronização da feira com tendas, com bancas de acrílico, a setorização (frutas, legumes e verduras, cereais, roupas e calçados, utensílios domésticos e acessórios), o deslocamento da venda de carnes e peixes apenas para o mercado público. O Sebrae já propôs essa revitalização, porém, a Prefeitura Municipal mostra não ter condições orçamentárias para isso.

Além disso, o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus São Paulo do Potengi (SPP) pode proporcionar um curso de extensão para os feirantes a fim de explicar a importância de hábitos adequados de higiene em seus próprios corpos, nos alimentos e nas bancas da feira livre. Esse curso de extensão também deve proporcionar uma conscientização política para que o feirante saiba quais os meios para conquistar a revitalização e padronização da feira. E por fim, conscientizá-los quanto a importância de uma associação política e de uma cooperativa econômica solidária para a sobrevivência deles enquanto agentes sociais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO; Ana Neuman Medeiros; *et al.* *A feira livre de São Paulo do Potengi: um primeiro olhar*. CASTRO, Ahiram Brunni Cartaxo de; *et al.* **Práticas educativas em movimento**. Natal: Editora do IFRN, 2016.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. _____ (Orgs.). **Olhares geográficos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CORRÊA; Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

DANTAS, Geovany Pachelly. *Feiras nordestinas*. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 7, número 13, p. 87-101, 2008.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013 [1982].

MARANHÃO, Renata de Sousa. **Avaliação da percepção dos riscos higiênico-sanitários da feira livre do Mercado Central no município de Ceará Mirim-RN**. Monografia de Graduação (Geografia). Natal: UFRN, 2014.

_____. **A feira livre do Mercado Central de Ceará-Mirim-RN: um olhar a partir dos circuitos da economia urbana**. Monografia (Graduação em Geografia). Natal: UFRN, 2016.

_____; QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. *Os circuitos da economia urbana na feira livre do Mercado Central de Ceará-Mirim-RN*. **Geoconexões**, v.2, n.1, p.31-46, jan./jun. 2016.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. **As feiras livres de Natal-RN: um estudo a partir da teoria dos circuitos da economia urbana**. Monografia (Graduação em Geografia). Natal: UFRN, 2011.

_____. **A Ceasa-RN e os circuitos da economia urbana: a circulação de hortifrutigranjeiros em Natal-RN**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Natal: UFRN, 2014.

_____. *As centrais de abastecimento alimentar: agentes mistos dos circuitos da economia urbana*. **Sociedade e Território**, v.27, n.1, p. 157-177, jan./jun. 2015.

_____. *A Ceasa-RN na Região Metropolitana de Natal: interações espaciais e circuitos da economia urbana*. AZEVEDO, Francisco Fransualdo; SPOSITO, Eliseu Savério. **Território e reestruturação produtiva: elementos para a discussão**. Natal: Caule de Papiro, 2016.

_____. *As Ceasas no contexto da reestruturação do território brasileiro*. **GeoTemas**, Pau dos Ferros, RN, Brasil, v.8, n.2, p.59-78, jul./set. 2018.

_____; AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. *Circuitos da economia urbana: arranjos espaciais e dinâmica das feiras livres em Natal-RN*. **Sociedade e território**, Natal, v.24, n.1, p.115-133, jan./jun. 2012.

_____; AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. *As feiras livres e suas (contra)racionalidades: periodização e tendências a partir de Natal-RN-Brasil*. **Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, Vol. XVIII, nº 1009, 15 de enero de 2013.

SANTOS, Milton. *A questão do meio ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar*. 1994. **GeoTextos**, v.1, n.1, p.139-151, 2005.

SEBRAE-RN – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Norte. **Projeto de modernização de feiras livres e mercados.** São Paulo do Potengi: SEBRAE-RN, 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: um estudo das atitudes, percepções e valores do meio ambiente.** Rio de Janeiro: Difel, 1980 [1974].

ZIZEK, Slavoj. **A visão em paralaxe.** São Paulo: Boitempo, 2008.